

## MANEJO AGROAMBIENTAL EM MICROBACIAS E AGRICULTURA FAMILIAR: OLHARES E PERSPECTIVA NO SUDOESTE DA BAHIA

SANTOS, Irenilda Ângela ,Doutoranda em desenvolvimento Sustentável,CDS/Unb [irepanta@hotmail.com](mailto:irepanta@hotmail.com), FERREIRA, Marcos Cezar F. Mestre em Desenvolvimento Sustentável, CDS/Unb, [riodascontas@bol.com.br](mailto:riodascontas@bol.com.br), CONVENIO FNMA

A prática do cultivo da terra – ou agricultura- teve início há mais ou menos dez mil anos, quando alguns povos do norte da ÁFRICA E DO OESTE Asiático abandonaram progressivamente a caça e a coleta de alimentos e iniciaram a produzir seus próprios grãos. Apesar da experiência milenar, o domínio das técnicas era insipiente, somente nos séculos XVIII e XIX com o início da agricultura moderna é que alguns povos passaram a produzir em maior escala. Com esta transformação, na chamada 1ª Revolução Agrícola, já em meados do séc. XIX, com o advento de avanços tecnológicos como fertilizantes químicos e melhoramento genético, deu-se a 2ª Revolução Agrícola, esse padrão chamado clássico ou convencional, intensificou-se a partir da 2ª Guerra Mundial, culminando na década de 70, com a chamada Revolução Verde.

Todavia, todo esse processo não levou em conta os problemas ambientais dele decorrentes: empobrecimento do solo, concentração de renda, contaminação dos cursos d'água, desmatamento e perda de solo, erosão e assoreamento de rios, entre outros.

A partir da década de 60 um novo cenário sócio-político-econômico, marcado pelos grandes avanços científicos e tecnológicos, passou a questionar este modelo. Diante do aumento da crise ambiental decorrente do modelo de desenvolvimento implementado pela sociedade contemporânea, centrado no lucro, fomentando a urbanização das cidades e a saída dos pequenos produtores, aumentando a concentração de terra e a expansão agrícola, comprometendo os recursos naturais e deteriorando as relações Humanidade-Meio Ambiente. Neste cenário, diversos atores sociais passaram a discutir os problemas ambientais na perspectiva de um novo modelo de desenvolvimento, que apresentasse sustentabilidade ambiental, social e econômica, capaz de conciliar as necessidades de desenvolvimento humano e a conservação dos recursos naturais. Com essa premissa o Clube de Roma em 1968 e a Conferência de Estocolmo em 1972, colocou a problemática ambiental dentro de uma perspectiva e dimensão planetária. Ganha corpo aqui o arcabouço da Educação Ambiental, que passou a ser entendida como elemento essencial para uma educação

global e permanente, dirigida para a resolução de problemas e para a participação ativa das comunidades locais, contribuindo para fundamentar os sistemas de educação no sentido de maior idoneidade, maior realismo a melhor interpretação do meio natural a social, com vistas a facilitar o bem-estar das comunidades humanas. Com estes pressupostos teóricos, foi implementado o Programa de Manejo AgroAmbiental em Microbacias do Rio Jiquiriça, vem implementando junto aos pequenos agricultores uma nova forma de produção/comercialização, juntamente com um programa de educação ambiental, tendo como objetivo promover melhoria nos indicadores ambientais e de qualidade de vida, fomentar a recomposição das matas ciliares, bem como a recuperação de áreas degradadas nas microbacias do Rio Jiquiriça, atreladas à implantação de Bosques Energéticos e Unidades Apícolas, visando geração de renda, conservação dos recursos naturais e da biodiversidade na região da Caatinga, bioma tão pouco conhecido no país. Pensamos que assim, estamos implantando um novo modelo de desenvolvimento, construído em sintonia com as premissas da sustentabilidade, um mundo mais justo e ecologicamente viável para as gerações futuras, respeitando as diversidades biológicas, culturais e sociais das comunidades rurais.